

VERSÃO INTEGRAL DAS RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS SOBRE MACROBIÓTICA ZEN FORMULADAS HÁ TEMPO POR UM MAGAZINE SEMANAL ()*

() Este texto de Afonso Cautela, obviamente cinco estrelas e a melhor introdução possível à entrevista testamento, foi publicado, por gentileza do meu querido amigo José António Moedas, no «Diário do Alentejo»(Beja), 24-1-1973, na coluna «margem esquerda»*

- Que significa para si o regime alimentar do arroz integral?
- Uma descoberta tão importante e decisiva para me baralhar todos os quadros mentais como o saber que existem civilizações extraterrestres.

- Pode explicar que ligação há entre duas coisas tão diferentes?
- A mesma que existe entre microcosmos e macrocosmos, duas palavras que, como sabe, a mitologia da ciência oficial lançou no *ghetto*. Ou revertemos a um comportamento de raiz iniciática, ou seremos cúmplices irremediáveis do crime sistemático em que se transformou a ciência institucionalizada e industrializada.

- A ciência ou os que a utilizam para maus fins?
- Isso é uma sofisma e uma hipocrisia. Não há ciência nem cientista inocente, assim como para Gyorgy Lukács (1885-1971) não havia filósofo nem filosofia inocente. A produção científica enquadra-se numa estrutura de interdependências e nunca é inocente. Repare na torre Eiffel: nenhum dos ferrinhos que a compõem é inocente de todos os outros. É uma estrutura onde parte e todo são interdependentes e cúmplices. Einstein tinha uma tremenda má consciência da bomba atómica. Não propriamente por ele mas da classe de gente que mediante um alibi muito expandido (a inevitabilidade da lógica), a tornou possível e a todos os instrumentos de morte com base em «descobertas científicas».

- Que tem a ver a bomba com o arroz?
- Muito, outra vez. Tudo se liga a tudo: e ou a gente aprende isto, ou seremos ignorantes toda a vida e mais seis meses. A bomba é o último elo (o ómega) de um processo desencadeatório a que a inércia dos indivíduos, justificada pelas das instituições (e reciprocamente), não é capaz de pôr entaves. O arroz é o alfa desse processo, obrigando o homem a retomar a unidade perdida. Na bomba, lê-se a máxima. desintegração (Lanza dal Vasto associa algures desintegração atómica e desintegração lógica) e o extremo desequilíbrio, lê-se o yin e a lepra cancerígena, a centrifugação do ser e da matéria.
- No arroz é o reequilíbrio e a unidade, o yang e a célula, a reorganização centrípeta do ser e da matéria.

Dialécticamente, como ensina o Zen, o Heraclito, o Hegel e o Marx, os opostos devem entender-se complementares e nunca inimigos. Nós, nados mortos da lógica aristotélica (e da moral maniqueísta judaico-cristã), entendemos o Universo todo como inimigo. Por isso se fala em «dominar a Natureza», por isso se fala em combater a doença, por isso, por isso... E um dia acordamos estupefactos porque a Natureza decidiu mostrar-nos que se não deixa dominar nem exterminar. E que a doença não se combate, evita-se.

- Que valor tem para a vossa filosofia o desporto em geral e a ginástica em particular?

- São apenas produtos de consumo numa sociedade mercenária, a tal que faz de cada contrário um inimigo. O desporto é apenas uma das expressões alienatórias da sociedade de consumo.

Depois de aviltado o corpo humano até às misérias dos concursos de beleza ou a outras misérias que se chamam alma, espírito, intelecto e outras vilezas, vem a ginástica sueca com a suprema hipocrisia da «alma sã em corpo sã».

Depois de aberto o abismo no homem, vêm os remedeiros e charlatães (tentar) colmatar a brecha. E fazem disso negócio. Desde que se entenda o contrário como inimigo, tudo se reduz a competição, a guerra, a concorrência, a negócio. O homem dito civilizado faz de todas as (suas) misérias um negócio. Conhece outra civilização tão incivilizada?

- Como, quando e porquê chegou ao regime alimentar conhecido por macrobiótica zen?

- Antes de responder, devo dizer-lhe que embirro um pouco com a terminologia. Para mim, trata-se, pura e simplesmente de um regime alimentar com base em cereais, regime seco ou salgado como é também conhecido entre alguns clínicos que a estas coisas dietéticas se dedicam nas horas vagas de injectarem pílulas no corpo, do cidadão.

Cheguei ao arroz integral, empurrado exactamente pelas tais químicas em que a terapêutica, moderna deposita toda a sua sabedoria e eficácia.

Empurrado pelos funcionários da ordem cultural vigente que, não por culpa sua mas da própria ordem que servem, tudo fazem para mandar o cidadão para o maneta. Empurrado pela civilização da Morte que diz respeitar muito a vida (???!!!), o arroz deu-me o santo e a senha de me safar sem dizer bom dia. Buda é a minha política. E desafio qualquer um a provar o contrário. Um adepto zen argumenta como um praticante de Karate: não ataca, defende-se dos que o atacam. É o que faço, quando me fazem perguntas sem resposta. Quando, por exemplo, me perguntam porque adoptei política tão estranha.

- Política ou regime alimentar?

- Mas não se está mesmo a ver que são uma e a mesma coisa. O grau iniciático de um aprendiz diz revela-se exactamente pela capacidade de perceber a identidade dos contrários, a síntese das antinomias e a proximidade das coisas aparentemente afastadas e díspares. Revela-se pela sua capacidade dialéctica.

Recomendo-lhe, para o compreender, primeiro uma crise mortal e depois uma ressurreição. Todos os processos de iniciação partem de um renascimento. Conhecer é nascer com. Só se conhece o que já se sabe. Mas só se sabe renascendo. Ser parido, não basta. Esse o monumental engano do homúnculo ocidental, que segue sempre a lei do menor esforço

- Não lhe parece tudo isso uma linguagem demasiado mística?

- Mística, uma ova. Vá ver o Toshiro Mifune no Sol Vermelho, do realizador Terence Young. O filme é uma frieira indecente mas o Toshiro Mifune é uma maravilha e talvez lhe demonstre muito mais claramente do que eu tudo o que lhe quis dizer aqui. Vá ver como ele derruba o Charles Bronson e depois chame-lhe místico. Miseravelmente místicos são os da mitologia à ocidental», são os Charles Bronson todos da matemática, da estatística, da planificação, da economia política, da cibernética.

Relativamente às «coisas humanas» todo o método experimental, além de um monumental falhanço, é uma perpétua mistificação. Quem se não aperceber disto, que continue a marrar contra o absurdo, como faz o Charles Bronson. Ele só chega para a matéria inerte simétrica. Com o vivo humano começa outra loiça: surge a assimetria, faliu o método experimental e a monomania de que tudo no universo é redutível a cálculo.

A matematização e pesagem do imponderável humano tanto dá os crematórios nazi-fascistas como os quinquenais estalinistas e os orçamentos Nixon. Abençoados sejam eles todos, desde que me não entornem a minha chávena de arroz.

Místico à brava, não lhe parece? ■